

EDITORIAL

Foi em maio de 1998 que o Jardim das Amoras abriu suas portas. Há mais de 20 anos nos propomos a oferecer às crianças o que de melhor há para se desenvolverem integralmente de forma alegre e amorosa, apresentando a elas exemplos de como nós, adultos, e todo o mundo que as envolve somos modelos dignos de serem admirados em plena confiança. Desde nossa fundação, recebemos cada um dos pequenos com um olhar de admiração e respeito por aquilo que carregam dentro de si e, mais tarde, irão revelar. Quando nossas professoras recebem as crianças no início de cada aula, não pensam em cumprir um método ou programa curricular, mas em proporcionar as atividades que aquelas crianças, naquele dia, carecem de encontrar. As salas aconchegantes, o pátio repleto de árvores e flores, os brinquedos que incentivam a imaginação e a criatividade são elementos determinantes do ambiente pedagógico à disposição delas, mas nada substitui a devoção de nossa equipe à missão de nutrir o que na infância se encontra como possibilidades e que, no futuro, se tornarão capacidades. Aqui as crianças têm a certeza de que o mundo é bom e digno de confiança, sentimento que carregarão pelo resto da vida e que as fará sempre desejar dar o melhor de si.

Este informativo é um meio que encontramos para, além de comemorar nossos 20 anos, oferecer a todos pais e mães referências que norteiam nosso trabalho e que podem auxiliar na educação das crianças principalmente em casa.

Boa leitura!

REFLEXÃO

Eu não sou eu.

Sou aquele que caminha ao meu lado

Sem que eu o veja,

Que eu visito frequentemente

E que frequentemente eu esqueço;

Aquele que cala em silêncio quando eu falo,

Que docemente perdoa quando eu odeio,

Que fica em pé quando eu morro.

Juan Ramon Jimenez

BERÇÁRIO, MATERNAL E JARDIM



**Jardim das
Amoras**
ESCOLA WALDORF

Berçário - Maternal - Jardim

**EDIÇÃO ESPECIAL - 20 ANOS
JORNAL DA ESCOLA WALDORF
JARDIM DAS AMORAS**

AV. JESUÍNO MARCONDES MACHADO, 945
NOVA CAMPINAS - CAMPINAS-SP
TELEFONE: (19) 3252-8251
WWW.JARDIMDASAMORAS.COM.BR

CORROMPENDO O MODO DE BRINCAR DAS CRIANÇAS

David Elkind

Durante as últimas duas décadas, temos progressivamente corrompido o modo de brincar das crianças, assumindo o controle e alterando a cultura lúdica da infância.

Brincar é o portal da criança para o conhecimento de si mesma e do mundo. Ao reinventar a experiência brincando, ela dá significado e valor à confusão estonteante da vida. O bebê transforma todo objeto que toca em algo a ser sugado. Desse modo, passa a conhecer os limites de sugar e a natureza dos objetos. Pela imitação de papéis adultos no jogo dramático, o pré-escolar descobre novos potenciais e capacidades humanas. A criança em idade escolar transforma objetos lúdicos, como peças do jogo de damas ou de xadrez e bolas de futebol ou beisebol, em ferramentas valiosas de intercâmbio social. Todas essas reinvenções contribuem para que ela amplie sua compreensão da realidade pessoal e social.

Durante as últimas duas décadas, entretanto, temos progressivamente corrompido o modo de pensar das crianças. Temos feito isso assumindo o controle e alterando a cultura lúdica da infância. Até pouco tempo atrás, havia uma rica linguagem e um saber que eram exclusivos às crianças e que eram transmitidos pela tradição oral. Eles consistiam de jogos, piadas, charadas, superstições e encantamentos que foram sendo revistos pelas sucessivas gerações conforme as transformações nas circunstâncias sociais. Hoje, contudo, poucas crianças conhecem canções infantis. Elas também não entendem as palavras mágicas abracadabra. As crianças contemporâneas conhecem, sobretudo a cultura da Disney, Pokémon e Yogiyo, que nós, adultos, criamos para elas. Essa cultura lúdica virtual é desonesta porque, embora se apresente como brincadeira de criança, não é criada pelas próprias crianças.

Quando criamos brincadeiras para as crianças, principalmente para as pequenas, apropriamo-nos antecipadamente de seu crescimento. Nós as privamos das oportunidades de aprenderem a seu próprio modo e em seu próprio ritmo. Isso não quer dizer que não tentemos criar ou educar as crianças, mas apenas que o façamos de maneira que tenham sentido, que sejam significativas e motivadoras para elas.

Quando as crianças são introduzidas no mundo virtual ao mesmo tempo em que são expostas ao mundo real, ou até antes disso, brincar perde muitas de suas funções adaptativas. Compare-se um bebê que sacode um chocalho para ouvir um som com outro que aperta um botão para ouvir uma vaca mugir. No mundo real, sacudir um chocalho realmente faz barulho, mas apertar um botão não faz uma vaca mugir. Quando deixados com seus próprios recursos, os bebês descobrem o mundo físico real. Como declara Richard Hartacher (1967, p. 27):

“Para o bebê, os brinquedos são objetos experimentais totalmente apóéticos que servem para explorar os santificados domínios da física. A exploração da física, portanto, começa muito antes da escola secundária. Bola, chocalho, colher, tudo cai no chão. Mas o som é diferente a cada vez. Pela repetição contínua, o ouvido aprende a distinguir as diferentes qualidades do som produzido pelos diversos objetos”.

Aprender a operar no mundo virtual é, em certos aspectos, mais fácil do que aprender a operar o mundo real. Ligar a televisão é um caso pertinente. Contudo, grande parte do mundo da televisão não é a realidade. O brincar virtual é corruptor porque impede a criança de adquirir muitas habilidades pessoais/sociais e o conhecimento físico que só pode ser obtido brincando-se no mundo real.

Quando os adultos assumem o controle sobre as brincadeiras e os jogos das crianças, eles necessariamente subtraem a capacidade delas de reinventar sua experiência. E é somente através dessa reinvenção que as crianças são capazes de extrair todos os benefícios do brincar para o desenvolvimento.

A importância de “brincar de verdade”

Temos assistido Vila Sésamo há mais de 30 anos. As crianças de hoje conhecem números e letras em idade mais precoce do que nunca; porém, não estão aprendendo a ler ou fazer cálculos mais cedo e melhor do que crianças que nunca assistiram a Vila Sésamo.

Um estudo de Hirsch-Pasek (1991) é instrutivo a esse respeito. A pesquisadora comparou crianças que frequentam pré-escolas acadêmicas com outras que frequentam pré-escolas centradas nas crianças e orientadas a brincar. As crianças que frequentavam as pré-escolas acadêmicas eram menos criativas e mais ansiosas do que as que frequentavam as pré-escolas que davam ênfase ao brincar. Elas também gostavam menos da escola do que as crianças com as quais foram comparadas.

INDICAÇÃO DE LEITURA



CRIANÇA
BRINCANDO! QUEM
EDUCA?
por Luiza Lameirão



DESVENDANDO O
CRESCIMENTO
por Bernard Lievegoed

“As crianças devem ter a oportunidade de brincar com os amigos a seu próprio modo

Um estudo mais recente, de Coolahan, Fantuzzo e Mendez (2000), oferece mais evidências sobre a importância de brincar no mundo real para crianças dessa faixa etária. Esses pesquisadores constataram que as crianças que possuem competência para brincar com seus amigos participam mais ativamente das atividades em sala de aula do que as que carecem dessas habilidades. Na realidade, as crianças que são inaptas para brincar são destrutivas ao brincar com os amigos e tendem a apresentar problemas de conduta e hiperatividade na sala de aula. (Coolahan et al., 2000). Essas são as crianças que mais provavelmente se ocupam com o brincar virtual antes do real.

Um relatório da Comissão Real Britânica incluía o seguinte parágrafo (Commons, 2000, p 122-123):

“A comparação com outros países sugere que não existe benefício em iniciar a instrução formal antes dos seis anos. A maioria dos outros países europeus admite as crianças à escola aos seis ou sete anos, após um período de três anos de educação pré-escolar que se concentra no desenvolvimento social e físico. Entretanto, os padrões de leitura e escrita e a capacidade aritmética costumam ser mais elevados nesses países do que na Grã-Bretanha, a despeito de ingressarem na escola em idade mais precoce”.

Os efeitos de corromper o modo de brincar das crianças ficam mais evidentes quando elas ingressam na escola. Falta de respeito pelos professores, intimidações, trapagens e incapacidade de concentração por longos períodos são hoje lugar-comum. Esse novo ambiente social é, ao menos em parte, atribuível à ausência de experiência lúdica no mundo real. Conseqüentemente, grande parte do tempo do professor é atualmente dedicada à disciplina, em vez de dedicada à instrução. E isso em uma época em que as demandas acadêmicas são maiores do que em qualquer período anterior.

Com certeza, sempre existiu alguma realidade virtual nas vidas das crianças pequenas. Nos contos de fada infantis, existem animais que falam e que se comportam como

humanos, como em Os Três Ursinhos ou Os Três Porquinhos. No entanto, essas histórias encontram correspondência no modo de pensar das crianças pequenas, pois estas projetam qualidades humanas sobre os animais, de modo que os contos de fada tendem a condizer com seu modo de pensar. Como Bettelheim deixou claro, muitos contos de fada possuem um efeito terapêutico. Os personagens da realidade virtual, contudo, são fantásticos e não coincidem realmente com o pensamento infantil. Um bebê com uma tela de televisão na barriga ou um homem-esponja não são personagens que as crianças evocariam sozinhas.

Reformando o brincar das crianças

As experiências no mundo real são muito importantes para as crianças pequenas. A jardinagem é uma grande atividade interessante, pois elas plantam e vêem as plantas crescerem. Passeios ao ar livre e visitas a museus e aquários também ajudam a colocar as crianças em contato com a natureza. Não vejo nenhuma justificativa para colocá-las em esportes organizados ou individuais durante os anos de pré-escola. Por outro lado, as crianças pequenas devem ter a oportunidade de brincar com os amigos a seu próprio modo e com suas invenções. Disponibilizar acessórios como roupas, chapéus e sapatos para serem utilizados por elas em representações teatrais também são muito úteis. Em faixas etárias mais avançadas, precisamos monitorar a televisão e o envolvimento com a Internet e insistir para que as crianças tenham períodos de intervalo a fim de brincar com seus próprios recursos. Estabelecer um horário semanal para brincar em família é outro modo de garantirmos que as crianças aprendam as habilidades sociais e intelectuais oriundas de brincar no mundo real, dedicado a jogar, fazer uma tranquila refeição em família ou visitar um parque, museu ou zoológico.

O mundo virtual da tecnologia moderna está aqui para ficar, e as crianças certamente precisam aprender a viver e operar nele. Meu argumento é apenas que elas precisam aprender e operar no mundo real antes de começar a viver e lidar com o mundo virtual. É preciso ter raízes além de asas. Brincar de verdade dá às crianças as raízes; o brincar virtual lhes dá suas asas. Elas precisam de ambas e na ordem certa.

David Elkind é doutor em Psicologia Clínica e professor de Desenvolvimento da Criança na Tufts University, em Medford, MA (Estados Unidos).

RITMO DIÁRIO EM CASA E SUA RELEVÂNCIA AO LONGO DA VIDA

Por Helle Heckmann

Como pai de crianças pequenas, você está constantemente muito cansado e sempre dorme pouco, e quando você dorme muito pouco, tem muito pouca energia e então, muitas vezes você cede quando, na verdade, acha que não deveria ter cedido. Ou fica com raiva ou irritado, e dessa forma não fica presente, e quando você não está presente você “perde” seu filho e assim você não se gosta...

Para tornar mais fácil lidar com a vida cotidiana com seus filhos, existem três considerações importantes:

- Ser flexível
- Estabelecer limites (fronteiras)
- Observar a mesma rotina todos os dias

Tornar-se flexível é o resultado de uma observação interior objetiva. Você pode treinar sua flexibilidade através de um trabalho interno no qual você aprende sobre si mesmo.

Em relação aos limites, você tem que descobri-los por si mesmo. Você deve decidir quais são os limites para o seu filho em sua casa: o horário de ir para cama, o horário de comer, o que comer, qual a linguagem a ser usada em família, e assim por diante. Você tem que ter estabelecido a sua opinião sobre os limites previamente. Assim, em vez de dizer “não, não, não...” e ficar irritado, você simplesmente não permite que as crianças ultrapassem os limites. Você sabe que essa é uma decisão sua e não precisa mais ficar irritado. Se você está diante da criança e percebe aquela certa situação se aproximando, com humor e o gesto ou a palavra corretos, você pode afastar a situação. Isso será possível se você exercitar sua flexibilidade. Conhecer-se melhor lhe dará a possibilidade de também estar diante de você mesmo. Quando você apreende essa ferramenta, pode começar a lidar com seus filhos de uma forma muito mais livre porque os limites já estão estabelecidos.

A terceira recomendação, a de fazer uma rotina que seja a mesma todos os dias, garante ritmo à criança. Todas as famílias Waldorf, provavelmente, conhecem a vida cotidiana no Jardim de Infância. As crianças passam o dia em períodos alternados de concentração e expansão, como no ritmo da respiração, onde há o inalar e o exalar. Na fase de inalação ou inspiração, a criança direciona sua atenção para uma atividade que basicamente a relaciona com ela mesma. Para as crianças pequenas, cada período de inspiração (desenho, aquarela, tricô, comer...) é muito curto, porque os pequenos podem concentrar-se apenas por curtos períodos. No período de exalação ou expiração, a criança se refere principalmente ao mundo ao seu redor (brincar livre, correr livremente, etc.). Para cada período de inspiração a criança precisa de um período de expiração: assim um padrão é estabelecido. Esse ritmo é algo que você pode trazer para dentro da sua casa. Você tem que tentar descobrir quando as crianças “inspiram”



e quando elas “expiram”. E quando a criança está no período de inspiração, você deve ter certeza que estará presente, de maneira que a criança sinta “Ahhh, aqui eu sinto meus pais, eles estão aqui por mim!” Depois disso, por bem pouco tempo, você pode fazer o que tem que fazer em casa e pode dizer para criança “Você tem que esperar porque eu preciso fazer isso”. E estará tudo bem, porque você sabe que esteve presente com a criança. Por exemplo, observe a situação quando os pais pegam seus filhos no Jardim. No exato momento que você está pegando seu filho: O celular toca e você atende? Você cumprimenta seus amigos e inicia uma conversa intensa? Se a resposta for sim, então você não está presente com a criança. Na minha última visita ao México, vi muito poucos pais saudando seus filhos, a maioria estava conversando com outros pais ou envolvidos em assuntos da escola ou falando em seus celulares, ou chegando atrasados, ou com muita pressa.

Mas, para seu filho que esteve fora há cinco horas e realmente quer você... Você não está lá. Então a criança grita: “Quero sorvete! Quero isso! Quero aquilo!” ou então ela começa a correr ou a cair ou a se meter em pequenas encrencas porque ela está confusa, pois na verdade ela lhe viu mas não te encontrou. Do contrário, se você tomar o tempo (e isso talvez leve 5 segundos) de se abaixar, dar-lhe um abraço e então cheirá-lo (tão lindo! tão querido!) e assim realmente ESTAR lá, seus olhinhos lhe dirão muito mais do que palavras como foi o seu dia. Ele não pode contar-lhe com palavras, pois não se lembra, mas seus olhos lhe contarão tudo. Então, você o toma pela mão e andam juntos (num passo que a criança possa acompanhar, é claro!), e isso é realmente amável pois assim você está criando um belo momento, um “momento você e eu”. Agora, se você precisa cumprimentar as pessoas, você já pode, rapidamente, mas sempre junto com a criança porque ela sentirá “Eu estou onde pertenco, junto com minha mãe/ pai”. Esse foi um momento de inspiração- momento para dentro (a breathing-in situation) onde você esteve de



fato presente. Daí vocês vão até o carro e vão para casa (expiração – momento para fora) e provavelmente é hora de comer, surgindo novamente outro momento de inspiração – para dentro.

Como vocês comem? Você se senta junto com a criança? Ou a criança se senta sozinha para comer enquanto você fica por perto e aproveita para falar ao telefone? Se você se dá o tempo de sentar com seu filho, você o ensinará boas maneiras à mesa através do seu exemplo. Muitas crianças hoje não se sentam à mesa com seus pais e assim não aprendem a manejar os talheres e utensílios adequadamente. No entanto, isso é muito importante, pois do contrário, quando elas completarem sete anos, não conseguirão segurar adequadamente o lápis. Aprender isso aos sete anos é bem mais difícil

“As crianças passam o dia em períodos alternados de concentração e expansão, como no ritmo da respiração, onde há o inalar e o exalar.

comparado com entre um e dois anos. Além disso, sentar-se à mesa e ter um começo, o processo e um fim é importante pois é assim que você deve viver a sua vida inteira. Tudo tem um começo, um processo e um fim. Isso pode tomar-lhe apenas 15 minutos, para sentar-se apropriadamente, checar como a criança segura os talheres e o copo (crianças de um ano em diante não precisam de copos especiais de bebês, aqueles com bico e tampa), comer com a boca fechada e tudo o mais, sendo você, dessa forma, um exemplo a ser seguido para seu filho. Ainda mais importante, você tomou esse breve momento para novamente criar outro “momento você e eu” ao mesmo tempo em que você ajuda seu filho a conhecer uma forma social de “como nós somos quando comemos jun-

tos”. Ao terminar a refeição, você o lembra de que ele precisa ajudar com a mesa, de maneira que ele também aprenda que quando somos parte de uma comunidade (ambiente social), também participamos da limpeza. Dessa maneira, você fez e criou uma situação na qual esteve realmente presente e então pode dizer para a criança “Vá brincar” (momento de expiração – para fora), pois você esteve presente anteriormente e então pode fazer o que precisa fazer, mas precisa estar visível para a criança. Assim é porque a criança pequena não pode brincar sozinha se o centro não está lá e você é a pessoa mais importante para a criança. Você é o centro e se você sai do ambiente, a criança a seguirá.

Quando você está fazendo as suas coisas, pode acontecer da criança dizer “Estou entediado”. Nesse caso, é claro, não ligue a TV nem coloque música. Quando você está ocupada com outras coisas, você pode dizer para a criança “Agora você pode brincar sozinho”. Se você sabe que esteve de fato presente, você pode esperar de verdade que eles encontrem algo para fazer por eles mesmos. É muito importante que você não tenha medo de que suas crianças não saibam o que fazer ou que estejam entediadas. É muito importante que você sinta realmente “Estive com eles e agora podem ficar com eles mesmos”.

Nos dias de hoje, os pais frequentemente usam a mídia ou atividades direcionadas por adultos para entreter seus filhos porque eles têm medo de que suas crianças fiquem entediadas, assumindo que elas não são capazes de fazer nada por si mesmas. Essa é uma situação complicada. Se você acha que tem que entreter seu filho menor de sete anos o tempo todo com mídia (filmes, TV, videogames, computadores, etc.), aulas extracurriculares e/ ou outras atividades guiadas por adultos, então eles não aprenderão como brincar sozinhos. Eles não terão um momento no qual possam estar num estado de não saber o que fazer e daí partir para um estado de encontrar imagens interiores e assim criar coisas de dentro para fora. Deixando-os entediados, você os ajuda, porque esse momento representa a oportunidade que as crianças têm de mergulhar no processo de criatividade interior. O

fato de que as crianças são capazes de ficar por sua própria conta, para criar suas próprias brincadeiras sem a direção de um adulto é de extrema importância, porque durante os sete primeiros anos da criança tudo se relaciona com o fato de ser capaz de criar. Se todas as atividades vêm do lado de fora (telas eletrônicas, videogames, direcionamento de adultos, etc.), então não acontece muita coisa na esfera da criação interior. É por isso que nos Jardins Waldorf as professoras não se sentam para brincar com as crianças. Em vez disso, elas fazem trabalho de verdade, do qual as crianças retiraram inspiração para suas próprias brincadeiras. Nesses Jardins de Infância, você poderá encontrar professoras varrendo, cozinhando, costurando, podando o canteiro, cuidando de animais, cortando lenha e o que mais o ambiente de cada es-

cola permitir. Igualmente, vocês, como pais, no momento de expiração – para fora, devem fazer seu trabalho e a criança ao seu lado deveria ser capaz de fazer o dela (que é brincar). Isso só é possível se a criança sente que ela esteve com você num momento anterior de inspiração – momento para dentro.

O mesmo se dá quando as crianças vão para cama. O que a criança ama ouvir são histórias da sua própria vida. Nenhum livro, rádio, música, filme ou desenho animado pode causar o impacto na criança que você pode. Encontrar sua própria história para contar tem muito significado e, além disso, é uma ferramenta com a qual você pode mudar várias situações que estão emperradas. É muito difícil para a criança se apartar de você se ela não sentiu sua presença realmente. Mas, se você abraçou sua criança, soprou um pouquinho sua orelhinha, contou-lhe uma história do seu coração, você esteve presente de verdade. Então, você pode beijá-la e colocá-la na cama e sentir “Eu posso deixá-la porque estive realmente presente”. Daí você pode esperar que sua criança seja capaz de dormir sozinha, e isso é saudável para ela.

Do lugar de onde eu vim, a Dinamarca, muitos pais estão numa situação onde eles têm que deitar e segurar as mãos da criança, ler 20 histórias, cantar 50 canções e tudo isso leva uma hora, uma hora e meia. Quando finalmente eles estão saindo do quarto, silenciosamente, eles ouvem “Maaaa, água! Mamããããããã!” E, claro, ficam irritadas. Você pode evitar isso colocando limites e encontrando um jeito confortável de sair porque esteve presente em diversas situações durante o dia. Do contrário, a criança não é preenchida suficientemente com seu amor e, além disso, se não lhe foram dadas oportunidades de criar sua própria brincadeira, de trabalhar de dentro para fora, você não pode esperar que ela seja capaz de pegar no sono e dormir por ela mesma.

Gostaria de chamar atenção para outro aspecto do período “depois da escola” no qual você está com seus filhos. Se você leva seus filhos da escola para outras aulas ou confia-os às diversas variações da mídia, você passa menos tempo com eles. Crianças são pequenas por um período muito curto. Agora você pode achar que é ainda muito tempo pela frente, mas em apenas um instante você perceberá como passou rápido.

Deixando seu filho se envolver com sua própria brincadeira enquanto você está por perto fazendo suas próprias tarefas e estando realmente presente nas situações de inspiração – situações para dentro, você constrói a genuína confiança

entre você e seu filho. Essa confiança será importante quando eles crescerem um pouco e chegarem à pré-puberdade e à puberdade propriamente dita, porque aí eles virão até você quando tiverem problemas e te ouvirão quando você disser o que fazer e o que não fazer. Mas eles apenas farão esse movimento se confiarem em você, se você esteve presente com eles anteriormente. E é por isso que os sete primeiros anos de vida da criança são tão importantes. Toda a confiança interna da criança, sua crença em que o mundo é bom, são a base de sua vida futura.

Eu tenho três filhos com 29, 26 e 23 e agora eu posso colher 25 anos de trabalho duro e dedicado com meus filhos. É tão fantástico porque posso ver como eles são capazes de ir para vida com liberdade. E eu também posso me mover ao redor do mundo, com liberdade e sabedoria porque eles não precisam mais de mim, mas gostam de mim e, também, de estar com os amigos deles. E isso é, eu acho, a maior coisa que desejamos como pais, que quando nossos filhos forem adultos, de verdade e pela sua livre escola, escolham estar conosco em certos momentos. Podemos encontrar, junto com nossos filhos, um novo jeito de construir relações sociais porque temos outra consciência através da qual podemos conhecer melhor nossos filhos.

Fonte: <http://www.waldorftoday.com/>



COOKIES DO JARDIM

Ingredientes:

- 2 xícaras de aveia em flocos
- 1 xícara de açúcar mascavo
- 1/2 xícara de manteiga
- 1/2 colher de chá de sal
- 1/2 xícara de farinha de trigo integral
- 2 ovos
- 1 pacotinho de coco fresco ralado

Modo de Preparo:

Misturar tudo, fazer bolinhas achatadas e colocar no forno pré-aquecido. Acompanhar até ficar no ponto desejado.

Bom apetite!



CRIANÇAS AGRESSIVAS

Leonore Bertalot – Instituto ELO, Botucatu, SP, 2001

Crianças inseguras são tímidas e preferem esconder-se a enfrentar um desafio ou qualquer situação desconhecida. Já aquelas chamadas “agressivas” reagem nervosas a todo obstáculo que se opõe a seus impulsos fortes e descontrolados.

Essas crianças são “auto-ativas”, conscientes de si próprias, orgulhosas e facilmente irritadas. A sua aparente segurança e autoconfiança podem esconder uma carência, seja de calor de ninho, de ritmos na alimentação ou no dormir e acordar, e ainda de limites que proporcionem segurança e sirvam como pontos de referência. Assim como a mãe é, geralmente, o primeiro ponto em que a criança pequena se apoia e confia, assim os hábitos do dia-a-dia, as refeições

que se seguem num ritmo regular, a higiene e os encontros familiares representam para ela indicadores, fatos amigos que sempre retornam. O organismo infantil se acostuma a esses ritmos que transmitem uma sensação de confiança e calma à alma sensível do pequeno ser que precisa orientar-se na vida dos seres humanos aqui na Terra.

Um ambiente agitado, barulhento, o que é bastante comum em nossas cidades, causa irritabilidade e agitação. O sistema nervoso da criança ainda está muito delicado, está em período de formação. No caso da criança hipersensível, é natural que ela se torne irrequieta e irritadiça, pois não sabe se defender contra tantas impressões sensoriais.

O que podemos fazer?

Envolver essas crianças com muito carinho. Lembrar que ainda não estão em condições de dominar seus impulsos e instintos; que não é o seu verdadeiro ser que agride; que nestes casos a agressão é uma forma de chamar de chamar a atenção, um pedido de socorro. O nosso amor, a nossa oração em seu favor, a nossa paciência para com os ataques devem criar em nós a calma necessária para lidar com elas. Se a agressão delas é reflexo do meio ambiente, pelo menos em boa parte, então, a calma carinhosa do educador também poderá refletir-se no comportamento dos educandos.

A nossa confiança neles transmite segurança e ajuda a fazer aflorar em seu íntimo sentimentos afetivos para com o meio ambiente.

Só resta tentar aplicar o que é óbvio. Cuidar do ritmo no dia-a-dia, colocar os limites possíveis e necessários. Tentar evitar os ataques, inventando alguma distração, como, por exemplo: - Vamos fazer um tapetinho para a mesa do telefone? Preciso que você me ajude a descascar as batatas. Vamos chupar uma laranja? Vamos ver se o gatinho do vizinho já deu cria?, etc.



“ Uma avó que goste de contar histórias [...] pode oferecer o melhor remédio para qualquer criança

Não há tempo para tais atividades? E o tempo que se perde durante o ataque e, depois, para juntar os cacos?

Em nosso programa diário é importante incluir momentos de dedicação exclusiva aos nossos filhos. Pode ser na hora de deitar, com uma história, por exemplo. Mas também é muito bom quando, durante o dia, uma criança tem toda nossa atenção e recebe elogios porque está lavando a louça ou aprontando a mesa. Com isso, ela adquire habilidades sociais e a nossa atenção não reforça o egocentrismo que já costuma ser bastante expressivo nas crianças agressivas.

A televisão não substitui a carência de atenção e carinho. Ela só aumenta os problemas da criança, debilitando ainda mais a autodefesa. Muitas cenas nos programas têm a característica de explorar, por exemplo, o instinto da agressividade.

Uma avó que goste de contar histórias folclóricas, contos de fada, pode oferecer o melhor remédio para qualquer criança, carente ou não. Vale tanto como o leite materno: amamenta a alma. Uma dica: quanto mais vezes recontar a mesma história, maior será o efeito tranquilizador para agitação e a hiperatividade desgastante.

A propósito, recomendamos esse procedimento para a vovó Edwiges, que pediu orientação sobre o tema aqui tratado: o netinho dela talvez gostasse de ouvir muitas, muitas e mais vezes a história dos três porquinhos, que construíram cada um uma casinha para si. Um usou um monte de palha, o outro usou gravetos e galhos, e o último que teve sua casa pronta feita de pedras, viveu feliz e tranquilo, porque o vento não a destruiu e o lobo não invadiu o seu lar aconchegante e bem protegido. O fim da história poderia ser que esse porquinho fosse convidar seus coleguinhos menos afortunados a morar com ele, ou algo assim. 

VISIBILIDADE

Por Matheus Facure Alves (ex-aluno do Jardim das Amoras)

Quando minha mãe me pediu para escrever este texto sobre como a Pedagogia Waldorf ajuda na universidade, logo me veio uma primeira dificuldade: o que falar além do sempre repetido discurso de que a Pedagogia Waldorf nos faz gostar de estudar? Não que isto seja mentira, mas eu queria algo inédito ou menos reparado. Pensando nisso, me veio à mente duas situações que creio serem interessantes para explorar nesse texto. Vamos à primeira.

Estou fazendo minha graduação em Relações Internacionais na Universidade de Brasília e, procurando algum texto complementar sobre as Metas do Milênio, esbarrei no livro de Ítalo Calvino “Seis Propostas para o Próximo Milênio”. Não é um livro de R. I., como supus, mas de literatura. Mesmo assim, aprendi muito com ele. Tornou-se um dos meus preferidos. Mas o que cabe destacar aqui é apenas uma pequena passagem onde o autor italiano diz: “Penso numa possível pedagogia da imaginação que nos habitue a controlar a própria visão interior sem sufocá-la e sem, por outro lado, deixá-la cair num confuso e passageiro fantasiar, mas permitindo que as imagens se cristalizem numa forma bem definida, memorável, autossuficiente, ‘icástica’”.

A outra situação foi uma palestra com Roberto Azevedo (Diretor Geral da Organização Mundial do Comércio) em que ele destacou o quão importante é, para um profissional de R. I., ter uma visão mais ampla das coisas. Pessoalmente, creio que isso seja importante para qualquer profissão. Se antes o mercado de trabalho exigia grande especialização, hoje em dia, além disso, ele também exige essa capacidade de expandir o olhar, o que chamamos de “seeing the whole picture”.

O que essas duas situações me mostraram foi a importância da ampla visualização de imagens. Na primeira, esta aparece num sentido de capacidade criativa, de ver imagens com olhos fechados, de fazer brotar cores, formas e projetos de uma página branca, de associar e coordenar imagens possíveis e impossíveis sem, no entanto, se perder do real, seja num âmbito científico ou num âmbito artístico. Não tenho dúvidas de que a Pedagogia Waldorf, com todo seu incentivo à criação e imaginação, estimula no aluno essa capacidade destacada por Calvino. Na universidade, creio que essas habilidades funcionam no sentido de lhe dar destaque em um meio onde todos já são inteligentes. A capacidade criativa em geral é um importante diferencial para passar em processos seletivos de Programas de Ensino Tutorial (PET), Empresa Junior (EJ), monitorias, centros acadêmicos (CA) e projetos de extensão.

Se na primeira situação se ressalta a capacidade criativa, na segunda se destaca a percepção de imagens amplas: a capacidade perceber os detalhes que ninguém vê, de coordenar múltiplos cenários e de lidar ao mesmo tempo com várias facetas de um mesmo problema. A grande diversidade de conhecimento que é ensinado na escola Waldorf já estimula essa visão ampla desde cedo: lembro-me claramente que para fazer um pequeno pão tive que plantar o trigo, colhê-lo, transformá-lo em farinha, construir um forno e só depois assá-lo. Daí, basta um pequeno passo para perceber a interdependência entre as partes de qualquer processo. Ora, em meu curso, esta é a habilidade mais valorizada. Nos é exigida uma análise dos cenários internacionais no que diz respeito à economia, à política, ao meio ambiente, às percepções psicológicas, ao social, aos discursos... enfim, exige-se que tenhamos um conhecimento profundo dessas áreas, mas que também sejamos capazes de correlacioná-las em cenários mais completos.

Se procuro destacar uma vantagem menos conhecida da Pedagogia Waldorf não é porque pretendo projetar um valor secundário. Pelo contrário, acredito que, numa época em que somos constantemente bombardeados por imagens externas, estas habilidades visuais são de extrema importância. Diariamente, depositam-se no nosso intelecto sucessivos estilhaços de imagens, semelhante a um depósito de lixo, e é quase impossível distinguir algo relevante. Está cada vez mais difícil diferenciar entre o que é real daquilo que há pouco vimos na televisão ou num outdoor e cada vez mais corre-se o risco de cair no confuso fantasiar desconexo da realidade. Nesta época, creio que a palavra chave seja Visibilidade.

Devemos apurar nossa capacidade tanto de criar quanto de perceber imagens. É aí que eu percebo umas das atuações principais da Pedagogia Waldorf. 🧑🧒